

DA FORMAÇÃO SUPERIOR AO MERCADO DE TRABALHO: PERCEPÇÕES DE ALUNOS SOBRE A DISCIPLINA ORIENTAÇÃO E PLANEJAMENTO DE CARREIRA EM UMA UNIVERSIDADE FEDERAL

Nadia Rocha Veriguine¹

Edite Krawulski

Geruza Tavares D'Avila

Dulce Helena Penna Soares

Resumo: Este artigo examina as percepções de alunos a respeito da disciplina Orientação e Planejamento de Carreira, de natureza curricular, optativa e oferecida em uma universidade federal para alunos em fase de conclusão de curso, com o objetivo de oferecer subsídios que facilitem o processo de inserção profissional desse público. Foi realizada uma pesquisa qualitativa, na qual foram entrevistados em profundidade sete alunos. Ao material coletado foi aplicada a análise de conteúdo. Os resultados indicam que a disciplina tem se configurado num espaço de socialização e confraternização, na qual os jovens expressam seus pontos de vista e trocam opiniões sobre suas angústias no processo de inserção profissional. Os alunos buscam a matéria para obterem autoconhecimento e informações sobre os processos de seleção e admissão de emprego. Eles avaliam positivamente a disciplina e tecem críticas ao academicismo de alguns professores, os quais orientam os universitários apenas para o desenvolvimento de pesquisas científicas.

Palavras-chave: Educação, trabalho e transição universitária.

FROM THE HIGHER EDUCATION TO EMPLOYMENT: STUDENTS' PERCEPTION ON THE ORIENTATION AND CAREER PLANNING CLASS IN A FEDERAL UNIVERSITY

Abstract: This article analyses students' perceptions of the curricular and optional Orientation and Career Planning course, offered in a federal university to undergraduate senior students, with the objective of giving subventions to facilitate this public's professional insertion process. A qualitative research was applied, with seven students being interviewed on a high level of depth. The collected data was analysed through the content analysis method. The results indicate that the course signifies a space of socialization and fraternization, in which young people express their points of view and share opinions on their distresses on the professional insertion process. Students seek this course to obtain self-knowledge and information on the selection and the employment admission processes. They evaluate the course positively and criticise the academism of some of their professors, who give their students orientations only related to scientific researches' development.

Keywords: education, work, university transition.

¹ Datos de las autoras al final del artículo.

DE LA FORMACIÓN SUPERIOR AL EMPLEO: PERCEPCIONES DE LOS ESTUDIANTES EN LA DISCIPLINA Y DE ORIENTACIÓN PROFESIONAL DE PLANIFICACIÓN EN UN UNIVERSIDAD FEDERAL

Resumen: Este artículo examina las percepciones de los estudiantes acerca de la disciplina de Orientación y Planificación de la carrera, a la naturaleza del plan de estudios, opcional y se ofreció en una universidad nacional para estudiantes en el proceso de realización, con el objetivo de la concesión de subvenciones para facilitar el proceso de integración profesional que público. Se realizó un estudio cualitativo en el que fueron entrevistados en profundidad de siete estudiantes. El material recogido se ha aplicado al análisis de contenido. Los resultados indican que el curso se desarrolla en un espacio de socialización y el compañerismo, en la que los jóvenes expresen sus puntos de vista e intercambiar opiniones acerca de sus problemas en el proceso de la vida laboral. Los estudiantes que desean obtener material para el auto-conocimiento y la información sobre los procesos de selección y admisión de empleo. Se valoran positivamente la disciplina y criticar a la beca de algunos profesores, que guían a los estudiantes sólo para el desarrollo de la investigación científica.

Palabras clave: educación, trabajo y transición de la universidad.

Introdução

O mundo do trabalho tem apresentado grandes transformações nos últimos anos. A reestruturação produtiva, a flexibilização das relações trabalhistas e a intensificação e precarização do trabalho criaram um novo contexto bastante paradoxal: ao mesmo tempo em que há menos ofertas de trabalho nos modelos formais com carteira assinada e benefícios trabalhistas, aqueles que conseguem um trabalho sofrem com a alta carga de atividades e com o grau de competição (Morin, 2001). Não tem sido fácil se inserir no mercado laboral, e mais difícil ainda é manter o trabalho que se tem.

O jovem universitário que estudou e se dedicou à universidade espera que ao final da graduação possa adentrar ao mercado de trabalho e colocar em prática tudo aquilo que aprendeu nos bancos escolares. Entretanto, ele se depara com outra realidade: a dificuldade de inserção profissional, ou nas palavras de Guimarães & Goulart (2002), o desemprego de inserção. Conforme dados do Ministério do Trabalho, há em torno de 7,7 milhões de desempregados atualmente no país. Desses, cerca de 3,5 milhões, ou 45% do total, são jovens. Segundo Flori (2004, p. 2):

mesmo em períodos de crescimento econômico e queda dos níveis de desemprego global, o desemprego juvenil não diminui, pelo menos não na mesma proporção, sendo também comum a sua expansão nestes períodos. No

Brasil, a taxa de desemprego do jovem nos últimos vinte anos é de 13,39%, e a do adulto e idoso, 4,48% e 1,15%, respectivamente.

O diploma de um curso superior não representa mais a garantia de trabalho. Atualmente, algumas áreas não apresentam muitas perspectivas profissionais e muitos recém-graduados acabam por trabalhar numa área bastante diversa daquela em que se formaram. Na busca incessante por um posto de trabalho, há, inclusive, pessoas que buscam uma atividade laboral que exija menor qualificação do que possuem.

Em estudo sobre o processo de inserção profissional de jovens psicólogos, Pimentel (2007) demonstra que os indivíduos que não encontram postos de trabalho vivenciam sentimentos de depressão, ansiedade, baixa estima, angústia, desânimo, medo diante do futuro, vergonha, culpa, incompetência e inutilidade. Nessa mesma linha de investigação, a pesquisa realizada por Felisberto (2001) junto a jovens universitários desempregados mostra que a situação de desemprego interrompe o projeto profissional, forçando mudanças nas aspirações dos sujeitos. Para a autora, quem realiza um curso universitário quer trabalhar na área em que se graduou. Quando não se atinge esse intento, a identidade profissional fica comprometida.

Preocupada em minimizar esses impactos negativos da transição educação-trabalho, a partir de 2004, a Universidade Federal de Santa Catarina tem oferecido à comunidade universitária a disciplina Orientação e Planejamento de Carreira (OPC). Composta de dois créditos semanais e de caráter curricular e opcional, a disciplina é oferecida em três diferentes horários (manhã, tarde e noite), a todos os alunos de graduação que já tenham cumprido carga horária de 2.000 horas/aula, o que geralmente ocorre da metade para o fim do curso universitário.

O objetivo principal da matéria é promover um espaço de reflexão sobre o processo de transição universitária, de forma a possibilitar ao jovem a confecção de seu plano de carreira, diante das “novas” exigências do mundo do trabalho e das diferentes esferas da vida do ser humano: família, educação, saúde, lazer, segurança, dentre outras.

A metodologia adotada nessa disciplina encontra aporte teórico na orientação profissional, especificamente na abordagem sócio-grupal (Soares, 2002). Essa abordagem concretiza-se através de realização de dinâmicas de grupo, palestras, atividades interativas e de reflexão pessoal. A proposta de, por meio dessa abordagem, orientar acadêmicos prestes a finalizar a sua graduação e a ingressar no mercado de trabalho emerge à medida que muitos destes jovens não acessam o ambiente produtivo imediatamente após a formatura, pois enfrentam dificuldades quanto à transição da academia para o mundo do trabalho (D'Avila, Soares & Krawulski, 2009).

De acordo com vários autores (Teixeira, 2002; Zulauf, 2006; Dias, 2009), são escassos os estudos avaliando as opiniões, necessidades e experiências da classe universitária no que tange a esse processo de transição. Enquanto as universidades defendem os conteúdos dos currículos tradicionais do ensino superior; os empregadores manifestam a necessidade de que a educação promova matérias de ordem prática e

empreendedora e que os jovens atravessassem os muros escolares com habilidades e competências comportamentais distintas dos conteúdos ministrados pelos professores. Os mais interessados nesse processo, quer seja, os universitários, ficam de fora dessa discussão.

Dando voz aos estudantes universitários, o estudo aqui relatado objetivou investigar as percepções de alunos a respeito da disciplina Orientação e Planejamento de Carreira. Espera-se que os resultados encontrados ampliem a discussão sobre a temática, de forma a contribuir para o desenvolvimento de estratégias de inserção profissional dessa população, bem como estratégias de aprimoramento dos currículos dos cursos universitários.

Método

Foram participantes desta pesquisa sete estudantes da disciplina OPC, cinco homens e duas mulheres, com idades variando entre vinte e dois e vinte e nove anos. Um entrevistado cursava Administração, dois cursavam Ciências Econômicas, três cursavam Engenharia Mecânica e o último, Engenharia de Produção Mecânica. Todos estavam em fase de conclusão dos seus cursos. A participação na pesquisa foi espontânea e voluntária, de forma que as pesquisadoras acolheram alunos interessados nessa participação, sem a preocupação com a quantidade de integrantes de cada curso. Em se tratando de uma pesquisa qualitativa, que visa compreender e aprofundar o estudo do fenômeno em questão, não houve uma preocupação com o critério numérico. A escolha pelo número de sete participantes se deu em função da saturação das informações obtidas (Quivy & Campenhoudt, 1998). Ao material coletado, foi aplicada a análise de conteúdo (Bardin, 1977).

Foi realizada uma entrevista em profundidade com os participantes da pesquisa. Esta se deu em função de um roteiro previamente elaborado pelas pesquisadoras. Esse roteiro serviu para orientar a entrevista, sendo o elemento facilitador da abertura, da ampliação e também do aprofundamento da comunicação (Minayo, 2004). O roteiro foi composto de perguntas relacionadas às informações que o aluno recebeu sobre a disciplina antes de se matricular nela; como soube da sua existência, já que ela é nova na Universidade, às expectativas referentes ao andamento da disciplina e a avaliação que fez da mesma.

Quatro alunos foram entrevistados no transcorrer da disciplina e os outros três ao final da mesma. Antes de responderem as perguntas, os entrevistados foram esclarecidos sobre os objetivos da pesquisa e o sigilo ético, de forma que os nomes citados são fictícios e escolhidos por eles mesmos no início da entrevista.

Resultados e Discussões

Por meio das recorrências e dos padrões observados nas falas dos sujeitos, foram identificadas as seguintes categorias de análise: 1) matrícula na disciplina em função da indicação dos amigos e do espaço de descontração e socialização; 2) conhecimento de si mesmo e do mercado de trabalho; 3) aspectos positivos e negativos da disciplina e; 4) o papel da universidade. Cada uma dessas categorias é apresentada a seguir.

1. Matrícula na disciplina em função da indicação dos amigos e do espaço de descontração e socialização

De maneira geral, os entrevistados da pesquisa souberam da disciplina por meio de amigos e ex-alunos. Embora tenham recebido informações por meio de endereço eletrônico e do site da universidade, o motivo determinante para a busca pela matéria foi a indicação dos amigos, os quais teceram comentários positivos sobre a disciplina, motivando os estudantes a buscarem a matrícula na mesma. Para os ex-alunos, a disciplina foi um espaço de descontração e socialização. Por isso, indicaram a frequência na mesma.

Eles disseram que era legal e disseram que era pelo menos um tempo para parar prá pensar sobre esse assunto (Catarina).

Através de um amigo meu que já cursou a disciplina e ele me falou que era interessante. Eu sempre tive curiosidade a respeito. Ele gostou. Ele me recomendou. Gostou bastante (João).

Alguns amigos também indicaram a disciplina por ela ser mais “leve” do que as matérias curriculares tradicionais. Ao se matricularem na matéria, os sujeitos vislumbraram a possibilidade de cumprir créditos acadêmicos com conteúdos mais fáceis do que as disciplinas técnicas, especialmente, as do curso de engenharia.

Eu tinha que fazer quatorze créditos e eu tinha só nove. Eu estava procurando mais matérias pra completar. Eu já tinha feito todas as optativas do meu curso. Daí, conversando com um amigo meu, ele deu a idéia (Lucas).

Primeiro eles falavam que era bem tranquila, assim, e que era legal também que era interessante. Eu tava com um semestre bem complicado e precisava de mais alguma optativa pra completar que não fosse tão pesada (Fernando).

Os atuais alunos da disciplina e entrevistados na presente pesquisa confirmam as informações que receberam de seus amigos sobre a matéria. Assim como seus companheiros, eles também gostaram da participação na mesma. Para eles, a disciplina de OPC também se configurou num espaço de descontração e troca de idéias. Na avaliação que fizeram da matéria, o fato de a disciplina ser formada por alunos de

diferentes cursos universitários foi considerado como muito positivo. Por meio das discussões com outros graduandos, os sujeitos descobriram novas informações e mudaram os seus pontos de vista. A presença de alunos de outros cursos gerou diversidade e enriqueceu o debate sobre a inserção profissional.

Que nem, na nossa turma têm pessoas de outras áreas, assim, bem dividido, assim, metade da turma da área das engenharias e a outra metade da área da psicologia. Daí, a gente consegue ver como é diferente, assim, né? Como as áreas formam pessoas de maneira diferente. Por esse motivo é bom, pelas discussões (Catarina).

Por exemplo, em relação a salários e a dificuldade de conseguir empregos também. Engenharia hoje em dia está em alta, então tem muito mercado pra engenheiro e os salários estão bons. E eu ouvi as outras pessoas é meio complicado o mercado hoje. E eu não imaginava que era tanto assim. Eu achava que estava bom prá todo mundo. Mas na verdade não é (Fernando).

Sim, eu acho que a gente entra em contato com vários cursos diferentes, porque essa disciplina não é para um curso só, mas para a Universidade inteira. E aí consegue ter uma noção de como é, que a dúvida não é só nossa e como que as outras pessoas fazem, como é o curso delas, o que fazem, quais as expectativas delas também na área profissional. Facilita de alguma maneira a tomar essa decisão (Tereza).

Entre os sete entrevistados, um se matriculou juntamente com outro amigo e outra convidou o namorado para cursar a disciplina ao mesmo tempo em que ela, dado que também confirma que a matéria se configura num espaço pedagógico de socialização e confraternização entre os estudantes.

Ele já tinha feito disciplina de planejamento antes e ele disse que podia ser interessante, mas que ele ia fazer comigo, né? Nós dois fizemos na mesma turma. Ele me convidou pra fazer junto (Lucas).

A indicação de ex-alunos e a busca espontânea dos estudantes pela matéria evidencia, como mostram as falas acima citadas, o reconhecimento positivo da proposta pedagógica da disciplina, na qual, os conteúdos são ministrados através de dinâmicas de grupo, palestras, atividades interativas e de reflexão pessoal. Essa metodologia permite que a disciplina se configure num espaço de debate, troca e crescimento pessoal, como apontado pelos entrevistados.

2. Conhecimento de si mesmo e do mercado de trabalho

Quando a disciplina de OPC se iniciou, o que os alunos mais esperavam era adquirir conhecimentos sobre suas características pessoais, sobre as exigências do mundo do trabalho e sobre as possíveis áreas de atuação do curso escolhido. Eles esperavam que a disciplina contribuísse para o processo de construção e consolidação

das escolhas profissionais. Segundo seus relatos, os conteúdos da disciplina precisam ser dirigidos a essas questões.

Eu queria descobrir assim meu perfil, né? Acho que para qualquer um, fica meio difícil fazer uma auto-crítica, saber os pontos fortes e fracos. Saber o que eu posso mostrar numa entrevista. Eu já fiz algumas entrevistas de grupo e nunca achei que fui muito bem, queria mais me descobrir (Paulo).

Eu não tinha muita idéia do que fazer do meu futuro profissional. Então vim fazer essa disciplina tentando buscar algumas respostas e talvez me orientar, me responder o que talvez seja mais importante, de alguma forma tentar contribuir para as minhas escolhas. Porque pra mim é uma área muito ampla, é difícil saber o que vou fazer logo que me formar (Tereza).

A gente estava conversando a respeito da escolha de trabalhar, que eu faço engenharia, né? Trabalhar mais na área técnica, ou mais para a área de gerência, administrativa? Então é ganhar mais informação a respeito das duas áreas, também me conhecer, conhecer o meu perfil profissional, que é importante (João).

O conhecimento sobre si mesmo e sobre o mercado de trabalho – aquilo que os entrevistados buscaram na disciplina – é, segundo vários autores do campo da orientação profissional, a base do processo de escolha do projeto de futuro (Bohoslavsky, 1993; Dutra, 1996; Greca, 2000; Martins, 2006; Martins, 2007; Soares, 2000; Teixeira, Bardagi & Hutz, 2007). Sem a definição das características, dos gostos e das habilidades pessoais, não é possível ter uma clareza de quais objetivos se quer atingir. Da mesma forma, sem um panorama do mercado de trabalho e das possíveis áreas de emprego, não há como se planejar uma carreira.

Com o transcorrer da matéria, os estudantes universitários gostariam também de receber informações sobre a construção de um currículo profissional e sobre o funcionamento dos processos seletivos das empresas, informações não veiculadas nas aulas da graduação.

Só que sempre tem muita gente, uma vaga para 20 ou 30 pessoas, aí você chega lá e eles não explicam o que aconteceu, também não fazem a entrevista de *feedback*. Então sempre tive dúvidas, o que eu fiz?(Paulo).

E também acho interessante a parte de orientação para fazer um currículo, que a gente não tem em nenhum momento da faculdade (João).

Nota-se que estes são temas raramente ministrados formalmente em disciplinas curriculares das universidades, os quais, segundo Teixeira (2002) e Dias (2009) são necessidades dos alunos para a transição entre a universidade e o mundo do trabalho.

Outro aspecto que contribuiu para a busca pela disciplina foi a possibilidade de ter um espaço específico para pensar no futuro e “amadurecer” decisões profissionais. Segundo os entrevistados, o transcorrer do curso universitário ocorre de tal forma que não há tempo nem espaço para pensar o futuro. Antes de fazer isso, é preciso “afundar” a cabeça nos livros e estudar toda a matéria que os professores solicitam.

Então eu achei que era uma oportunidade bastante boa que eu tinha, a professora, né? (...) a professora especializada nisso, então achei que podia ser uma oportunidade muito boa. Eu nunca tinha parado pra pensar o que que eu quero pra mim daqui a cinco, seis, dez anos (Lucas).

Então, esse tempo pra gente pensar, amadurecer sobre isso, pra poder ter, assim, certeza suficiente pra poder escrever, né? (Catarina).

As expectativas a respeito da disciplina vão ao encontro do que os autores compreendem como um processo de orientação profissional. Este tem como objetivo intervir em diferentes etapas da trajetória ocupacional do indivíduo, de forma a promover realização e satisfação pessoal e profissional. Ao final de um processo de orientação profissional, o indivíduo deve ser capaz de: ou escolher por determinada alternativa em detrimento de outra; ou ter maior conscientização das implicações de suas escolhas (Soares, 1987, 2000, 2002; Levenfus, 1997; Bardagi, Lassance & Paradiso, 2003). É exatamente o que os alunos procuram na disciplina, e esse dado comprova a necessidade do professor dessa matéria ser também um orientador profissional, como vem ocorrendo desde que a disciplina foi implantada na universidade.

Além desse aspecto, a busca por autoconhecimento e informação profissional dos entrevistados está de acordo com a ementa da disciplina, na qual os temas norteadores são: orientação e planejamento de carreira, escolha e projeto de futuro profissional, mercado de trabalho, empregabilidade e capacitação profissional (Soares & Xikota, 2005).

Como mencionado na introdução desse artigo, o principal objetivo da disciplina de OPC é auxiliar o jovem formando a elaborar um plano de carreira, tendo em vista a sua futura atuação profissional e inserção no mercado de trabalho. Alguns entrevistados não esperavam que esse objetivo fosse atingido e, para eles, a disciplina superou as expectativas que tinham quando a iniciaram.

Eu não esperava muita coisa assim, não. É, as minhas expectativas iniciais não eram muito, não eram muito grandes, digamos assim. Depois eu me surpreendi com essa disciplina. Daí, eu acho que foi bom ter feito isso aí, me ajudou bastante. Mas, no começo, eu achava que ia ser mais entregar trabalho e não ia me adicionar muita coisa (Fernando).

Cumpriu. Eu acho que até melhor do que eu esperava. Tipo, quando eu entrei, provavelmente por um preconceito bobo de ter feito cinco anos de engenharia

dentro do CTC, sem ter saído de lá, eu não conhecia como era o trabalho essa parte de psicologia mesmo, a gente não conhecia. Então quando eu entrei: ‘bom, vou fazer uma cadeira simples, vou estudar umas coisinhas mais simpleszinhas, quem sabe me ajude, quem sabe não me ajude (Lucas).

É interessante observar que para Lucas, um estudante de engenharia, participar da disciplina de OPC ministrada por um orientador profissional formado em Psicologia foi uma oportunidade de conhecer outras áreas de atuação bem como a contribuição das mesmas para a construção do conhecimento.

3. Aspectos positivos e negativos da disciplina

Ao serem questionados sobre que avaliação fazem da disciplina e o que consideram seus aspectos positivos e negativos, os entrevistados tecem avaliações positivas a respeito da mesma. Eles afirmam que, por meio das reflexões propostas, a disciplina contribuiu para o processo de escolha e o planejamento profissional.

Eu comecei a conseguir me guiar mais... Então, acho que a disciplina foi bem útil (Tereza).

Está me ajudando bastante. Eu já tenho mais claro o que eu quero... (Catarina).

Eu acho que foi bastante produtiva e foi um (...) foi uma boa (...) foi um espaço pra reflexão... (Fernando).

E como eu não sabia pra onde eu ia focar, aparecia uma chance eu ia. E agora não. Agora eu já estou sabendo o que eu quero buscar. Então, pra mim, ajudou bastante. Foi bem, bem interessante. O começo do curso, ele é estranho, porque tu não consegue enxergar aonde a gente quer chegar com aquilo que a gente está fazendo, mas a partir da quinta/sexta semana começa a tomar forma e caminha. Então foi bem interessante mesmo (Lucas).

Olha, se eu tivesse que dar uma nota, para a disciplina, não para professor e nem para mim, para a disciplina, eu daria nove e meio, e é difícil eu dar uma nota alta assim. Eu daria nove e meio porque foi uma disciplina muito interessante, me instigou muito, me fez participar do que estava sendo proposto em sala de aula, né? Que era obter um autoconhecimento, conhecer a realidade do mercado, para depois fazer algum tipo de planejamento (Ricardo).

As narrativas evidenciam o papel que a disciplina vem exercendo na vida desses universitários. A opinião dos entrevistados permite afirmar que a matéria de Orientação e Planejamento de Carreira está cumprindo com os seus objetivos de permitir a identificação de valores, interesses e habilidades individuais e mobilizar a reflexão sobre as transformações do mundo do trabalho (Dias & Soares, 2007). Além disso, o planejamento, os conteúdos programáticos e as intervenções realizadas em sala de aula vão ao encontro do que afirmam diferentes autores da área de Orientação Profissional e

de Carreira. Segundo Soares (2000), o processo de orientação de carreira deve favorecer o processo de tomada de decisões, o aprendizado de habilidades e a expansão de interesses pessoais. O orientando deve ser capaz de estabelecer papéis profissionais, resolver conflitos de carreira e delimitar objetivos profissionais, o que parece ocorrer com os entrevistados desta pesquisa.

Folsom e Reardon (2003), em estudo realizado nos Estados Unidos, evidenciam que disciplinas voltadas para a educação de carreira na universidade produzem efeitos positivos no desenvolvimento da carreira de jovens. Tempos depois de terem cursado as disciplinas, os estudantes se demonstravam mais satisfeitos com o seu trabalho, com a sua escolha profissional e com o seu curso.

Para Oliveira (2007), as ações educacionais direcionadas para o planejamento de carreira são facilitadoras da transição de estudantes universitários para o mercado de trabalho, possibilitando, inclusive, tomadas de decisão profissionais. Teixeira (2002), em sua tese referente ao processo de transição de jovens da universidade para o mercado de trabalho, verifica que serviços especializados de orientação profissional para universitários, como é o caso dessa disciplina, podem favorecer o comprometimento do indivíduo com a sua carreira, já que auxilia a pensar sobre as características pessoais e as possibilidades de trabalho no mercado.

Tolfo (2002), em artigo referente às diferentes concepções de carreira e às formas de gestão organizacional, afirma ser necessário que o planejamento de carreira seja uma atividade que envolva diferentes frentes como profissionais, empregadores, gestores, universidades e agências governamentais. Para a autora, em tempo de constantes mudanças no meio organizacional, é necessário que as informações quanto ao trabalho e à carreira sejam divulgadas e discutidas amplamente. Ao possibilitar a discussão sobre as condições de trabalho atualmente junto aos jovens universitários, a universidade está contribuindo socialmente para o planejamento de carreira e a inserção profissional desses alunos.

Os entrevistados afirmam também que gostaram das atividades relacionadas ao conhecimento sobre si mesmo e à preparação para o mercado de trabalho, o que vai ao encontro dos conteúdos programáticos da disciplina composto pelas três unidades: autoconhecimento, mercado de trabalho e planejamento de carreira.

A última aula era sobre nosso perfil, nossas características positivas e negativas. Essa parte, eu gostei, começou a ficar mais prático, mais interessante. Estou gostando (Paulo).

Eu achei muito interessante a disciplina, principalmente o autoconhecimento que solidificou algumas coisas que eu já imaginava, que eu fazia daquela forma, que eu era daquela forma (Ricardo).

Eu estava, literalmente, sem foco nenhum. Eu estava aprendendo um pouquinho de tudo, sem saber exatamente o que eu queria fazer depois. Então foi pra mim conhecer exatamente isso: o que eu quero fazer, o que eu gosto de fazer e o que eu não gosto de fazer (Lucas).

E também por isso, né? Quando tem que fazer redação, tem que organizar um currículo, organizar, né? Fazendo as etapas de planejamento (Catarina).

Para alguns, cursar a disciplina foi uma forma de obter mais autoconhecimento. Eles puderam analisar suas características e seus interesses pessoais e confirmar percepções que tinham sobre si mesmos. Já para aqueles que queriam aprender a construir um currículo profissional, a disciplina trouxe maior informação profissional. Esses resultados mostram que a disciplina realmente possibilita autoconhecimento e informação profissional, elementos fundamentais para o processo de planejamento de carreira, conforme Bohoslavsky (1993), Soares (2000) e Teixeira, Bardagi & Hutz (2007).

Para um entrevistado, em especial, a atividade curricular da disciplina de entrevistar um profissional bem-sucedido da sua área de atuação foi muito marcante. Com o transcorrer da entrevista, ele se identificou com a entrevistada e pôde perceber mais claramente as etapas de seu próprio planejamento de carreira.

Exato, foi o ponto forte, o ápice do planejamento de carreira para mim foi a entrevista, onde além de ter os objetivos futuros eu conheci toda a história dessa professora que é professora. E já aproveitei para perguntar, que ela também já tinha feito um planejamento de carreira (Ricardo).

Apenas dois entrevistados comentaram aspectos negativos da disciplina.

Agora que a gente vai começar a ver currículo, então, agora que está entrando isso. Até agora foi mais autoconhecimento e tal. Mas é uma coisa que eu já tinha, que eu mais ou menos não tinha dúvida, então não foi muito o meu foco na disciplina (João).

O momento mais baixo talvez foi o de dinâmica de grupo, teve uma dinâmica de grupo no decorrer, e não sei, por eu ter um pouco mais de idade das pessoas que estavam ali, ou se, por eu já trabalhar com planejamento estratégico organizacional. Eu não achei tão interessante a dinâmica de grupo (Ricardo).

Mesmo nas críticas, há uma referência aos benefícios da disciplina. As atividades que eles não gostaram foram momentos específicos, tratando de aspectos nos quais eles já possuíam algum domínio. No geral, a avaliação da disciplina foi muito positiva, gerando reflexão sobre a carreira e o futuro profissional.

4. O papel da universidade

Embora a opinião dos entrevistados sobre o papel da universidade não tenha sido o foco dessa pesquisa, este tema emergiu durante as falas, por meio de considerações sobre o funcionamento da educação superior e a preparação para a entrada no mercado de trabalho.

Um dos participantes afirma que, ao finalizar seu curso universitário, não se sente tão preparado quanto gostaria para iniciar a sua atividade laboral.

Quando eu entrei na universidade eu esperava sair mais preparado do que eu estou agora. Eu sei que a hora que eu entrar numa empresa eu vou passar uns bons dias num choque de adaptação bem grande (Lucas).

Para os entrevistados, há uma grande distância entre o que é ensinado na graduação e o que o mundo do trabalho exige. Grande parte do conteúdo dos cursos é de cunho teórico e não prático, o que dificulta a aplicação do conhecimento na vida profissional. Além disso, muitos professores orientam o aluno para o desenvolvimento da carreira acadêmica, e não para as possibilidades de trabalho ofertadas no mercado. Os cursos possuem poucas matérias direcionadas aos campos práticos de trabalho e de inserção profissional. Paulo explica que gostaria que sua graduação possibilitasse ao aluno uma visão dos possíveis postos de trabalho. Na opinião dele, o curso universitário é voltado principalmente para a área acadêmica e de pesquisa.

Gostaria de entrar num curso que desse uma visão do mercado de trabalho, saber que no final do curso tu tens algumas vagas, que a pessoa possa te contratar e que não tenha muita dificuldade. Eu estou cada vez mais vendo que o curso de economia é muito voltado para quem quer continuar na vida acadêmica, fazer mestrado, doutorado, quem sabe dar aula, não é muito voltado para o mercado de trabalho (Paulo).

Lucas, aluno da Engenharia de Produção Mecânica, concorda com Paulo, afirmando que seu curso também é bastante direcionado para a carreira de pesquisador. Os professores orientam os alunos mais para se tornarem cientistas do que profissionais.

Acho que eu não estou pronto pra ser jogado no mercado, de jeito nenhum. A universidade não prepara pra isso. Não sei em outros cursos, mas especificamente no meu curso e na mecânica, em si – que eu conheço também – não prepara pra entrar direto no mercado. É um dos motivos pelos quais eu disse antes que a gente estuda pra ser cientista e pesquisador. Pra isso a gente está preparado. Se for trabalhar com pesquisa, cem por cento. Mas se for trabalhar, entrar numa empresa e trabalhar, nem tanto (Lucas).

Lucas afirma ainda que, embora as graduações de Engenharia tenham vasto campo de trabalho na área empresarial, não há, por parte de seus professores, orientação sobre como funciona uma empresa e como um engenheiro deve atuar diante das políticas e das culturas organizacionais. Lucas tem o sonho de ser empresário e ter seu

próprio negócio; para ele, não receber informações dentro da universidade sobre o funcionamento organizacional é uma defasagem de um curso superior.

A mecânica é extremamente focada pra academia. Muito mesmo. É muito pouco trabalho e, assim, excetuando o pessoal que trabalhou na empresa júnior da Mecânica, quase ninguém sabe como é trabalhar com empresas. O pessoal acaba trabalhando em laboratório, trabalha para empresas, mas dentro de um laboratório fazendo pesquisa. Então, pra isso o pessoal sai muito bem. É bem acadêmico mesmo. Eu gostaria de estar um pouco mais preparado pra isso e ter uma visão um pouquinho mais aberta de como as empresas funcionam, como é trabalhar dentro de uma empresa. E isso eu não vi (Lucas).

Na pesquisa de Teixeira & Gomes (2004), os entrevistados também afirmaram que a universidade não vem preparando o aluno para a transição e a posterior entrada na vida profissional. No artigo dos autores sobre a inserção profissional, os jovens formandos acreditam que há uma insuficiência de atividades práticas no currículo dos cursos de graduação.

Fazendo outra crítica à universidade, Tereza afirma que seu curso, por ser muito generalista, não dá subsídios para a atuação profissional em nenhuma área específica.

Porque o curso que eu faço é muito abrangente e ao mesmo tempo muito superficial. Como são muitas áreas, acaba não aprofundando em nenhuma delas. E aí acaba não tendo muito mercado, porque se tem um conhecimento amplo, mas não muito profundo sobre todas as coisas (Tereza).

Na pesquisa de Pimentel (2007) sobre a profissão de psicólogos, o mesmo resultado foi encontrado. Os entrevistados ressaltaram dois aspectos: que a universidade deixa uma lacuna nos conhecimentos disponibilizados aos alunos e que há uma incongruência entre o conhecimento aprendido e aquilo que de fato acontece no cotidiano do mundo.

Os achados da presente pesquisa sugerem a necessidade de se repensarem os objetivos da Educação Superior. É fato que o ensino de nível universitário no país não vem conseguindo caminhar no mesmo ritmo que as transformações no mundo do trabalho. Muita coisa mudou nos últimos anos: com a globalização, o avanço tecnológico e o crescente desemprego, o mundo do trabalho atravessa grandes transformações. Há uma tendência para a aproximação de diferentes campos de trabalho, anteriormente desconectados. Profissionais de diferentes áreas competem entre si por uma mesma vaga. Os jovens dessa e de outras pesquisas mostram como é necessário que a comunidade universitária se aproxime das exigências do mundo laboral, intermediando e auxiliando a inserção profissional desses sujeitos.

De acordo com Ristoff (1999), um objetivo da educação universitária é sem dúvida a formação de mão-de-obra especializada. No entanto, como campo de ensino e aprendizagem, um curso de graduação tem objetivos muito mais amplos que a simples

preparação para o mercado de trabalho. Um curso universitário deve preparar o profissional para uma postura crítica e inovadora diante da realidade. Uma universidade precisa também contribuir para a formação do ser humano em sua totalidade, criando espaço para a discussão de valores, ideologias e posturas profissionais. Muito mais do que simples receitas de como fazer, é preciso que o ensino desenvolva habilidades de reflexão e produção de conhecimentos, sejam eles teóricos ou práticos.

É preciso que o jovem profissional consiga processar os conteúdos aprendidos, de forma a ser capaz de agir diante das diversas realidades do mundo do trabalho. Na pauta das discussões sobre as diretrizes e estratégias da educação superior devem ser consideradas simultaneamente: a garantia do espaço de produção de conhecimento da ciência; as exigências econômicas e sociais do país na preparação da mão de obra, capaz de promover o crescimento e desenvolvimento; e as necessidades particulares dos indivíduos, ditadas pelo desejo e pelo direito autêntico de se investir em si mesmo.

Considerações Finais

Ao longo desse artigo foram apresentadas percepções de jovens universitários sobre a disciplina Orientação e Planejamento de Carreira, oferecida desde 2004 para formandos em uma universidade federal. Para esses estudantes, a disciplina se configura num espaço de socialização e confraternização, na qual puderam expressar seus pontos de vista e trocar opiniões sobre suas angústias no processo de inserção laboral.

Os alunos buscam a matéria para obterem conhecimento de si mesmos e informações sobre os processos de seleção e admissão de emprego, constituindo um momento de pensar em si mesmo, e também, em estratégias de inserção no mundo do trabalho. A participação de alunos de diferentes cursos de graduação ampliou a visão do mundo do trabalho dos participantes da disciplina, sendo que esta se configurou num espaço dentro da universidade para apoio emocional nesse momento de transição e para a troca e o compartilhamento de idéias, sem um julgamento técnico específico.

Ademais, os entrevistados avaliam positivamente a disciplina, uma vez que é prática e aproxima o mundo do trabalho da universidade. Os estudantes teceram ainda críticas ao academicismo de alguns professores, os quais orientam os universitários especialmente para o desenvolvimento de pesquisas científicas.

Coutinho, Krawulski, e Soares (2007) apontam a necessidade dos sujeitos reconstruírem suas narrativas cotidianamente em função do caráter efêmero, precário e instável pelo qual transitam as relações humanas na contemporaneidade. Nesse sentido, a disciplina de OPC configura-se como um espaço para os sujeitos reafirmarem-se enquanto sujeitos volitivos, que projetam um futuro dentro de determinadas condições objetivas que se impõem à sua subjetividade, tal como a iminência de ingresso no mercado de trabalho, quando em decorrência disso, é marcada a sua passagem de estudante a profissional/trabalhador.

Essa passagem não ocorre subitamente. Ela envolve a realização das atividades diárias da profissão, as quais serão desenvolvidas pouco a pouco, depois do recebimento do diploma universitário. A participação na disciplina promoveu a identificação entre os alunos e o apoio para a formação da identidade profissional, abandonando-se pouco a pouco o mundo universitário e a condição de estudante. A disciplina cumpriu seu objetivo fundamental, demarcando para esses estudantes um momento específico para refletir e se preparar para a entrada no mercado de trabalho.

Como instituição formadora que é, a universidade deveria fornecer mais espaços multidisciplinares para possibilitar a universalização do conhecimento, tal como preconizado pelas academias brasileiras em suas missões.

Referências

- Bardagi, M. P., Lassance, M. C. P., & Paradiso, A. C. (2003). Trajetória acadêmica e satisfação com a escolha profissional de universitários em meio de curso [versão eletrônica]. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4(1-2). Recuperado em 10 dezembro, 2007, de http://pepsic.bvspsi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902003000100013&lng=pt&nrm=iso
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bohoslavsky, R. (1993). *Orientação vocacional: a estratégia clínica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Coutinho, M. C., Krawulski, E., Soares, D. H. P. (2007). Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. *psicologia e sociedade*, v. 19, p. 29-37.
- D'Avila, G. T., Soares, D. H. P., & Krawulski, E. Técnicas para o planejamento de carreira: do sonho profissional ao plano de ação. In: Lassance, M. C. P. (org.). *Técnicas para o trabalho de orientação profissional em grupo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. (Capítulo de livro no prelo).
- Dias, M. S. de L. & Soares, D. H. P. (2007). Orientação e planejamento de carreira: uma experiência na universidade. *PSI. Revista de Psicologia Social e Institucional*, 4, 1-24.
- Dias, M. S. de L. (2009). *Sentidos do trabalho e sua relação com o projeto de vida dos formandos*. Tese de Doutorado em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Dutra, J. S. (1996). *Administração de carreiras: uma proposta para repensar a gestão de pessoas*. São Paulo: Atlas.
- Felisberto, R. de F. T. (2001). *Tenho um diploma universitário, mas não tenho emprego: histórias de vida de pessoas que vivem a experiência do desemprego*. Dissertação

- de Mestrado em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Flori, P. M. (2004). Desemprego do jovem no Brasil. *Anais do Congresso da Associação Latino Americana de População*, Caxambu, Minas Gerais. Recuperado em 10 outubro, 2004, de http://prejal.oit.org.pe/docs/ficheros/200711160015_4_2_0.pdf
- Folsom, B., & Reardon, R. (2003). College Career Courses: Design and Accountability. *Journal of Career Assessment*, 8(4), 421-450.
- Greca, M. G. (2000). A importância da informação na orientação profissional: uma experiência com alunos de ensino médio. In Soares, D. H. P. & Lisboa, M. D. (Orgs.). *Orientação Profissional em Ação: formação e prática de orientadores*. São Paulo: Summus.
- Guimarães, R. F., & Goulart, I. B. (2002). Flechados em pleno vôo: estudo sobre impactos psicossociais e identitários que a dificuldade de inserção profissional imprime em jovens recém-graduados no ensino superior. *Anais da XXXII Reunião Anual de Psicologia*, Ribeirão Preto.
- Levenfus, R. S. (1997). *A psicodinâmica da escolha profissional*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Martins, H. T. (2006). Gerenciamento de carreira proteana: contribuições para práticas contemporâneas de gestão de pessoas. In Costa, I. de S. A. da & Balassiano, M. *Gestão de carreira: dilemas e perspectivas*. São Paulo: Atlas.
- Martins, L. C. (2007). Escolha profissional e desenvolvimento: contribuições a partir da perspectiva sócio-histórico-cultural. In Barros, D. T. R., Lima, M. T., & Escalda, R. (Orgs.). *Escolha e inserção profissional: desafios para indivíduos, famílias e instituições: orientação profissional: teoria e técnica* (Vol. 3). São Paulo: Vetor.
- Minayo, M. C. S. (2004). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde* (8a ed.). São Paulo: Hucitec/Abrasco.
- Morin, E. M. (2001). Os sentidos do trabalho. *Revista de Administração de Empresas (RAE)*, São Paulo: FGV/EAESP, v. 41, n. 3, p. 8-19.
- Oliveira, M. C. (2007). *Desenvolvimento e maturidade de carreira de estudantes universitários: validação de instrumento de medida*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais.
- Pimentel, R. Q. (2007). *E agora, José?: jovens psicólogos recém-graduados no processo de inserção no mercado de trabalho na Grande Florianópolis*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

- Ristoff, D. I. (1999). *Universidade em foco: reflexões sobre a Educação Superior*. Florianópolis: Insular.
- Soares, D. H. (1987). *O jovem e a escolha da profissão*. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- Soares, D. H. P. (2000). As diferentes abordagens em orientação profissional. In Soares, D. H. P., & Lisboa, M. D. (Orgs.). *Orientação profissional em ação: formação e prática de orientadores*. São Paulo: Summus.
- Soares, D. H. P. (2002). *A escolha profissional do jovem ao adulto*. São Paulo: Summus.
- Soares, D. H. P., & Xikota, J. L. (2005). Disciplina: temas de Psicologia: orientação e planejamento de carreira. *Anais da 5ª semana de Ensino, Pesquisa e Extensão*, Florianópolis, UFSC.
- Teixeira, M. A. P. (2002). *A experiência de transição entre a universidade e o mercado de trabalho na adultez jovem*. Tese de Doutorado em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Teixeira, M. A. P., Bardagi, M. P., Hutz, C. S. (2007). Escalas de exploração vocacional (EEV) para universitários. *Psicologia em Estudo*, 12, 175-182. Recuperado em 10 setembro, 2008, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722007000100023&lng=pt&nrm=iso
- Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (2004). Estou me formando... E agora? Reflexões e perspectivas de jovens formandos universitários. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 5(1). Recuperado em 10 setembro, 2008, de http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167933902004000100005&lng=pt&nrm=iso
- Tolfo, S. da R. (2002). A carreira profissional e seus movimentos: revendo conceitos e formas de gestão em tempos de mudanças. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 2(2).
- Zulauf, M. (2006). Ensino superior e desenvolvimento de habilidades para a empregabilidade: explorando a visão dos estudantes. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 16. Recuperado em 20 de agosto de 2009, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222006000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 20 ago. 2009. doi: 10.1590/S1517-45222006000200006.

Datos de las autoras

Nadia Rocha Veriguine. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Edite Krawulski. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Geruza Tavares D'Avila. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Dulce Helena Penna Soares. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Fecha de recepción: 23/02/2010

Fecha de revisión: 20/04/2010

Fecha de aceptación: 16/05/2010